

PERLABORAÇÕES

Miguel Serras Pereira¹

Não tendo podido decidir-me em que ponta da meada pegar para glossar o mote «O futuro no divã», que, muito me honrando, a *Revista Portuguesa de Psicanálise* me propôs ao convidar-me a colaborar neste seu número, acabei por reunir, à falta de melhor, estas «perlaborações» resultantes de um trabalho que julgo afim e solidário daquele que a psicanálise chama de «perlaboração» (o *Durcharbeiten* de Freud, que o inglês traduz como *working through*) — juízo sustentado pela minha própria experiência tanto do divã como da escrita, e também pela frequência quer da obra de Freud, quer do pensamento de outros psicanalistas, de entre os quais destacaria, como minhas referências maiores, D.W. Winnicott, J.-B. Pontalis e C. Castoriadis. Com efeito, como este último diria, trata-se de conceber e continuar a análise como uma «atividade prático-poiética» irredutível à «lógica conjuntista-identitária», embora não podendo dispensá-la, do mesmo modo que a criação poética, não se limitando à dimensão de código da linguagem, renova as nascentes vivas da sua dimensão de «potência de metamorfose» e corpo a corpo com o mundo dentro e fora, parte de si mesma.

J.-B. Pontalis escreve que o sonho é um pensamento que não sabe que pensa. Talvez devamos prolongar e trabalhar esta ideia reconhecendo e assumindo também o pensamento como sonho que sabe que sonha. Tal é igualmente um dos sentidos da busca de sentido — e interminável interrogação do sentido — que propõem as «perlaborações» que aqui trago, na expectativa de que os seus leitores possam descobrir nelas alguma ocasião de, nas suas, as retomarem por conta própria.

¹ Tradutor, poeta e ensaísta.

PERLABORAÇÕES

ONDE

Estamos onde não estamos onde estamos
como o vento está onde sopra onde não está

ÁGUAS TURVAS

Pescador de águas turvas o desejo
amanhece na carne que ressuma
a febre do olhar cujo corpo incerto
de vulto em vulto que erra se confunde?

TALVEZ UM SOM DE PASSOS

*[T]udo menos o grito surgido da desgraça e do
pavor, esse grito de uma criança perdida que nin-
guém no mundo ouve.*

J.-B. Pontalis

Chegássemos enfim a tempo de a salvar
a criança fugitiva por maldita
da terra dos seus pais e cujo grito
nos chama ao pressentir talvez um som de passos
na encruzilhada que se esvai

ou de partida

em partida nos leva toda a vida
perdidos sem saber como a buscar

A CARNE NAS PALAVRAS

Leitura de Rita Taborda Duarte

Desensimesma-se-lhe a carne nas palavras
que no desejo se desensimesmam e entranham
a carne que o desejo nelas se dilata

MOMENTS OF BEING

Fotografias de Patrícia Câmara

Não o lembra a memória nem esquece o esquecimento
o esplendor que amanhece suspenso tempo dentro
na eternidade do momento nunca idêntico
do ser que uma vez só é sempre para sempre

PALAVRA

Palavra que ao dizer-se então se faça
em corpo e alma a mesma carne alada
cuja verdade seja que nos salve